

A Percepção espacial da cidade a partir das práticas cotidianas de jovens escolares

RICHTER, Denis.

Universidade Federal de Goiás - Brasil

Instituto de Estudos Socioambientais - Brasil

drichter78@gmail.com

[Recibido enero 2020; aceptado abril 2020]

Resumen

Este artigo é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo analisar a percepção espacial de 401 alunos do 3º ano do Ensino Médio sobre o planejamento urbano, a partir de suas práticas espaciais cotidianas nas áreas de entorno de seis escolas públicas localizadas na cidade de Goiânia/Brasil. Nessa investigação foram utilizados diferentes instrumentos, como: questionários, aulas de intervenção, atividades de mapas mentais e de percepção espacial. A partir desses materiais pudemos identificar alguns elementos e contextos que são valorados por esses sujeitos ao percorrerem um trajeto cotidiano, na perspectiva que qualificar ou limitar seu direito de ir e vir na cidade. Como resultados, podemos destacar: 1) baixa qualidade nas condições das calçadas para a prática da caminhada; 2) alto índice de insegurança; 3) falta de segurança como pedestre em relação ao trânsito; e 4) a falta de arborização nas calçadas. Estes dados revelam que o planejamento urbano de Goiânia precisa levar em consideração a percepção espacial desses jovens escolares, na perspectiva de dar qualidade de vida a estes indivíduos. Assim, torna-se necessário construir propostas de intervenção urbana que reconheçam a mobilidade individual como um contexto para tornar a cidade mais humana e acessível a todos os cidadãos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Ensino Médio; Planejamento Urbano; Percepção espacial; Cartografia Escolar.

Abstract

This article is the result of a research that had as its goal the analysis of the spatial perception from 401 students attending senior year of high school (third grade of Brazil's Ensino Médio) concerning urban planning, from their daily spatial practices in the surroundings of six public schools located in Goiânia/Brazil. Different instruments were used on this investigation, such as: questionnaires, intervention lessons, and activities using mental maps and spatial perception. We were able to identify some elements and contexts

from these materials that are valued by these subjects while going through a daily commute, insofar as qualifiers or limits of their rights to come and go around the city. As results, we must highlight: 1) low quality of the sidewalk conditions for walking; 2) high rates of insecurity; 3) the pedestrian's lack of security from traffic; and 4) the lack of afforestation on sidewalks. These data reveal that Goiânia's urban planning needs to take into consideration the spatial perception of these young scholars so as to provide those individuals with better life quality. Therefore, it is required urban intervention proposals that recognize the subject's mobility as context to enhancing the city's humanity and accessibility to all citizens

Keywords: Geography teaching; High school; Urban planning; Spatial perception; School Cartography.

Introdução

Percorrer a cidade a partir de suas ruas, avenidas, praças e parques é uma atitude muito cotidiana. Pelo fato de realizarmos essa ação diariamente deixamos de observar e analisar, muitas vezes, os diversos elementos e contextos que estão presentes e que nos interferem a partir da concepção do planejamento e da infraestrutura urbana. Se considerarmos que essa análise é muito importante para construirmos uma leitura crítica sobre a cidade, temos que desenvolver práticas escolares que valorizem esse olhar mais atento aos diversos contextos que estão presentes na própria cidade. Neste sentido, este artigo busca apresentar algumas das interpretações, aqui chamadas de percepção espacial, de jovens escolares sobre o planejamento urbano a partir do trajeto casa-escola na cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás/Brasil. Essas análises e os dados apresentados aqui são resultados de uma investigação de dois anos e meio (2014 - 2016) desenvolvida pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica (LEPEG), do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG), tendo a colaboração de um grupo formado por 10 integrantes, desde alunos de graduação, mestrado e doutorado em Geografia, professores da Educação Básica e do Ensino Superior.

A partir disso o presente artigo se estrutura em três partes. A primeira busca contextualizar a cidade de Goiânia, seu processo de crescimento populacional, bem como seus desafios e problemas, e discutir algumas questões a respeito da Geografia urbana, percepção espacial e da relação desses temas com a Geografia Escolar. A segunda parte se ocupa em descrever a pesquisa a partir da sua metodologia, etapas e as características dos alunos participantes desse estudo. Por fim, a terceira parte do artigo se propõe a apresentar alguns resultados significativos que nos ajudam a compreender as leituras e

interpretações dos estudantes sobre a cidade, a partir de suas práticas cotidianas, nos permitindo conhecer as percepções espaciais desses sujeitos como também os elementos e contextos que contribuem ou não com o direito de ir e vir na cidade.

A cidade de Goiânia como escala de análise para a percepção espacial

A cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás/Brasil¹, passou nas últimas décadas por um significativo aumento populacional. A partir do recorte temporal da segunda metade do século XX é possível destacar algumas mudanças nas dimensões dessa cidade, seja por seus números absolutos em habitantes, seja pela expansão urbana ou pelos problemas e desafios que acompanharam esse processo de crescimento.

Em 1950, por exemplo, Goiânia possuía uma população de 53.389 habitantes e passados 66 anos sua população atingiu, em 2016, o número de 1.448.639 habitantes (IBGE, 2017). Essa situação permitiu que Goiânia se transformasse numa metrópole regional, já que, além do aumento da população, ocorreu um forte incremento na oferta de serviços, empregos e atividades econômicas presentes nesta capital.

Por outro lado, esse crescimento populacional desencadeou um processo de expansão urbana que nem sempre atendeu todas as demandas de seus habitantes, ocasionando uma falta de infraestrutura para a mobilidade, equipamentos e mobiliários urbanos nos diversos espaços da cidade. Podemos observar que a velocidade deste ritmo de crescimento não foi acompanhada por políticas públicas que permitissem que todas as áreas ou bairros fossem contemplados com um planejamento urbano eficiente (ARRAIS, 2006). De certa forma, Goiânia possui uma desigualdade na distribuição de sua infraestrutura urbana. Por exemplo, as regiões centrais ou consideradas mais valorizadas recebem maior atenção por parte da prefeitura, enquanto que áreas mais populares ou de menor concentração de renda carecem de inúmeros serviços públicos ou de equipamentos urbanos que permitam aos seus moradores ter uma melhor qualidade de vida. Entendemos que esta concepção de produção do espaço urbano acaba por limitar o direito à cidade.

Neste sentido, para compreender melhor a cidade torna-se fundamental considerar outros elementos que podem ser indicados pela própria população, a partir da observação do espaço do entorno ou dos percursos mais comuns para os habitantes, por revelarem contextos sensíveis para a vida nas cidades, a

¹ Localizada na região central do país, distante 200 km da capital federal - Brasília.

exemplo de ambientes de convivência coletiva, como as escolas, as praças, as ruas, os bairros, entre outros.

Essa situação indica que o desenvolvimento de estudos que visem conhecer e analisar a relação dos indivíduos com a vivência nos espaços urbanos é pertinente para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos. Assim, um modo de estudar essa relação é por meio da percepção espacial. Para Lynch (2006), essa perspectiva não se caracteriza como abrangente ou totalizadora, esse autor reconhece que a percepção pode ser parcial e fragmentada, já que parte, muitas vezes, de uma leitura individual sobre um determinado espaço e que nela diferentes situações podem ser empregadas. Contudo, essa concepção de Lynch não representa um descrédito para o estudo da percepção, pelo contrário, caracteriza o foco e a especificidade dessa abordagem.

É importante destacar que a percepção possibilita, também, a identificação de elementos tanto individuais como coletivos, ou seja, características que são perceptíveis para um determinado grupo social ou para um indivíduo. Isso depende, em muitos casos, do contexto, meio social ou uso que se faz do espaço que é analisado. Lynch (2006) reconhece que a cidade não é construída para um único habitante, mas para um coletivo, em que as particularidades e as individualidades são postas de lado para a constituição de um espaço plural. Por isso, uma cidade é composta por diversos elementos e objetos que possuem diferentes intencionalidades para seus moradores.

Claval (2002) contribui com esse debate ao dizer que por mais que os espaços estejam materializados, construídos, organizados ou pensados, muitas vezes, sob a ótica da padronização, a interpretação que os indivíduos fazem desses lugares não é a mesma. A leitura espacial que se produz dos espaços pode ser diversa. Nesse sentido, considera-se fundamental a construção de um olhar mais atento às particularidades que podem evidenciar questões relevantes para pensar amplamente o espaço.

Do mesmo modo, Lefebvre (2001) destaca que a cidade contemporânea e conectada com o atual modo de produção capitalista se organiza a partir de uma estratégia global, como propósito de atender às demandas exigidas ou que estão em voga por esse sistema. Consequentemente, o que ocorre é a imposição desses modelos ou estruturas para todos os indivíduos, sem considerar, na maioria das vezes, as especificidades dos lugares. Essa análise de Lefebvre contribui para valorizar o desenvolvimento de uma leitura mais crítica por parte dos indivíduos para seus caminhos percorridos cotidianamente - como sujeitos que observam, pensam e agem sobre o espaço urbano. É comum que as pessoas se acostumem com a paisagem vivenciada e, por conseguinte, tenham dificuldades de identificar os problemas ou desafios que precisam ser superados.

Para esse autor, superar esse contexto pode representar a conquista do direito do morador urbano à cidadania. A partir de um conhecimento mais amplo e crítico sobre o espaço mais próximo, e na sua relação com o contexto local-global, espera-se que os indivíduos possam refletir e propor soluções.

Ao concordarmos com essas abordagens teóricas apresentadas pelos autores reconhecemos a urgência de tornar a cidade um conteúdo/tema escolar para as aulas de Geografia, como nos indica Cavalcanti (2014). Para esta pesquisadora a cidade ganha relevância no trabalho didático ao permitir aos estudantes uma leitura para além dos contextos físicos ou na concepção da cidade apenas pelo *viés* propriedade privada e da mercadoria, mas na perspectiva de possibilitar a estes indivíduos compreenderem os arranjos espaciais e seus elementos da vida social que estão envolvidos na produção da cidade. De acordo com Cavalcanti (2014, p. 37-38),

O enfrentamento dos problemas urbanos/metropolitanos cotidianos requer, por isso mesmo, uma concepção de cidade/urbano que ultrapasse essa lógica. Daí a necessidade de reflexão e compreensão, por parte de todos os seus habitantes, e entre eles especialmente os jovens escolares, dos processos que estão na base da dinâmica das metrópoles brasileiras. Compreender melhor a dinâmica, os processos que confluem nesse espaço, as representações que dão o suporte, requer construir conceito de cidade e metrópole/região metropolitana, que contenham esses elementos assinalados anteriormente, em processos de sistematização contínuos. Essa compreensão pode levar ao entendimento da possibilidade e da necessidade de lutar pelo direito ao espaço produzido na cidade, direito de todos os que dela fazem parte.

Tendo por base essas referências consideramos importante o desenvolvimento de estudos que possam identificar as leituras e as percepções dos estudantes sobre a cidade na qual residem. Nesse sentido, apresentaremos a seguir a pesquisa que realizamos na cidade de Goiânia com 401 jovens escolares sobre a percepção do planejamento urbano a partir do trajeto casa-escola.

A pesquisa "Percepção Espacial e Planejamento Urbano"

Diante desta situação desenvolvemos uma pesquisa com o objetivo de analisar a percepção espacial dos alunos dos 3º anos do Ensino Médio sobre o planejamento urbano da cidade, a partir de suas práticas cotidianas (mobilidade espacial, percursos na cidade, usos da infraestrutura urbana) nas áreas do entorno de seis escolas localizadas na cidade de Goiânia/Brasil.

A pesquisa intitulada "A percepção espacial dos estudantes do Ensino Médio na área do entorno de escolas em Goiânia/Brasil e em Los Angeles/EUA: uma

análise do espaço urbano” 2 foi aprovada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em dezembro de 2013 e suas atividades tiveram o início em janeiro de 2014 a partir dos encontros/reuniões semanais da equipe, formada por professores e alunos dos cursos de graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG), nas dependências do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica (LEPEG). Este estudo foi finalizado em setembro de 2016.

Desde então foi possível realizar o trabalho de levantamento bibliográfico, bem como os estudos relativos aos textos selecionados, a busca por dados secundários para a seleção das escolas participantes desse estudo em Goiânia (que totalizaram seis escolas, com um universo de 401 alunos do 3º ano do Ensino Médio), a construção dos instrumentos desta pesquisa (questionário, aula de intervenção, atividades de mapas mentais e de percepção espacial), tabulação e quantificação do questionário e da atividade de percepção espacial, análise das aulas de Geografia, construção de gráficos e espacialização dos dados do questionário, bem como sua respectiva análise e, por fim, a construção de gráficos da atividade de percepção espacial. A partir desse conjunto de dados e materiais tivemos condições de reconhecer e compreender a percepção espacial dos estudantes do Ensino Médio no que diz respeito ao planejamento urbano nas áreas de entorno de suas escolas.

Quanto às características dos bairros onde se localizavam as escolas, utilizamos os seguintes critérios como seleção, a saber: $\geq 4,5\%$ da população do bairro ser de baixa renda (viver abaixo da linha de pobreza); $\leq 50\%$ da população do bairro possuir nível de escolaridade abaixo do ensino médio; $\geq 50\%$ do solo urbano do bairro deve ter uso residencial; e apresentar densidade demográfica ≤ 4.618 hab/km² (índice médio de Goiânia).

Assim, tendo por base esses itens foi possível selecionar seis escolas na cidade de Goiânia que atuam no Ensino Médio e que totalizou um universo de 401 estudantes, como pode-se observar no mapa a seguir (Figura 01):

2 Mesmo tendo este nome oficial, a pesquisa foi chamada pelo grupo de “Percepção Espacial e Planejamento Urbano”, tendo a sigla PEPU. Este nome está presente em todos os materiais produzidos pela equipe. Além disso, cabe destacar que inicialmente este projeto tinha como recorte espacial duas cidades - Goiânia/Brasil e Los Angeles/Estados Unidos - na perspectiva de fazer uma análise comparativa dos resultados de cada espaço urbano. Contudo, por falta de financiamento a equipe responsável pelo estudo nos Estados Unidos não pode desenvolver a pesquisa em Los Angeles, impossibilitando o processo de análise dos resultados convergentes e divergentes em cada cidade. Por outro lado, mesmo tendo somente a cidade de Goiânia como campo de análise, esse estudo nos possibilitou identificar as demandas e, principalmente, as percepções que os jovens estudantes possuem sobre o planejamento urbano a partir de suas práticas cotidianas no trajeto casa-escola.

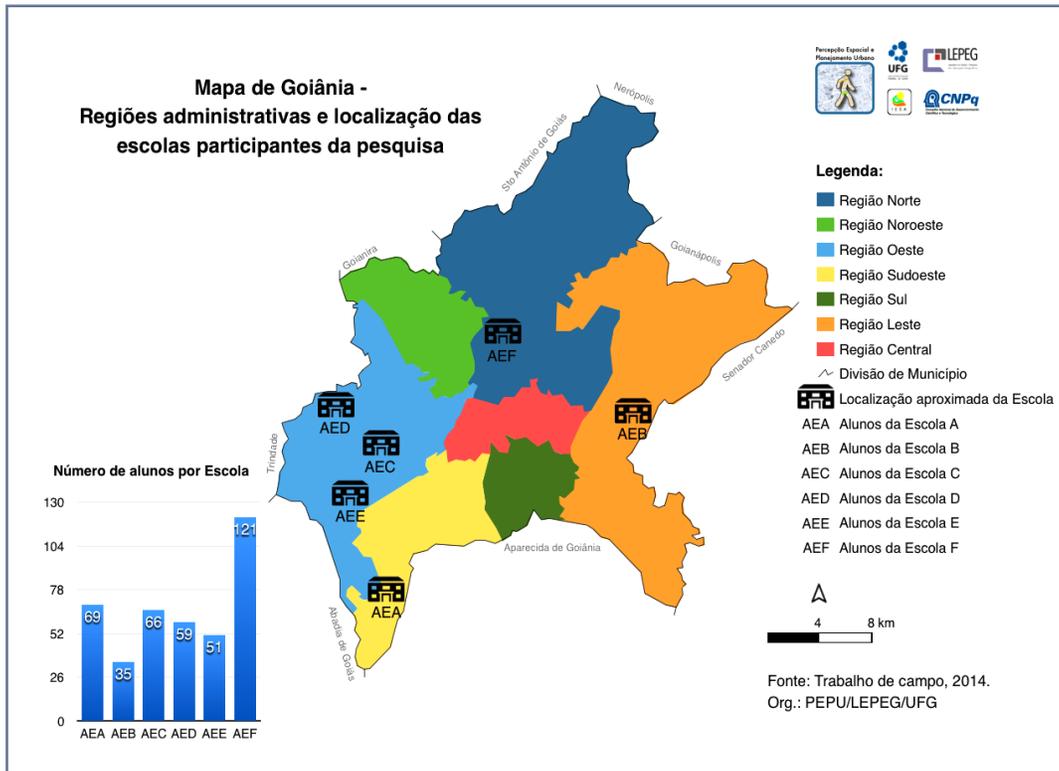


Figura 01: Mapa de Goiânia com a localização das escolas participantes da pesquisa.

Ora.: PEPU/LEPEG/UFG. 2014.

Esse mapa (Figura 01) nos permite reconhecer que com base nos critérios de seleção das escolas nosso estudo se voltou para as áreas periféricas da cidade, tanto espacial como social. Era nossa intenção analisar espaços da cidade em que o poder público municipal poderia apresentar menor atenção ou interferência na efetivação de um planejamento urbano mais adequado as necessidades dos seus habitantes. Após esta etapa realizamos o contato com todas as escolas, via direção, solicitando a autorização dessas instituições para que pudéssemos realizar a pesquisa com os alunos do 3º ano do Ensino Médio. Além disso, os professores de Geografia dessas escolas foram consultados para permitir que suas aulas se tornassem o espaço de realização das etapas da pesquisa³.

³ Todos os documentos relativos a estas autorizações foram devidamente apresentadas ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFG que aprovou nossa pesquisa por estar de acordo com as normativas.

Após a liberação das escolas para o desenvolvimento da pesquisa organizamos o cronograma de construção e realização das etapas do trabalho de campo, como pode ser observado na Figura 02:



Figura 02: Cronograma das etapas do trabalho de campo.
Org.: PEPU/LEPEG/UFG, 2014.

No que se refere aos sujeitos participantes da pesquisa, tivemos como recorte a seleção de seis escolas públicas da cidade de Goiânia que tivessem alunos matriculados no 3º ano do Ensino Médio, que atendessem aos critérios espaciais e socioeconômicos descritos anteriormente e que totalizassem no mínimo 400 estudantes. Desse total, identificamos por meio do questionário os alunos que realizavam efetivamente o caminho casa-escola a pé, tendo a perspectiva de que o aluno pedestre ou caminhante teria mais potencialidade para realizar uma leitura da percepção espacial da cidade sobre os elementos do planejamento urbano. A partir deste critério nossa pesquisa trabalhou efetivamente com um universo de 262 alunos caminhantes (ver Figura 03), sendo que deste total 139 (53%) eram alunas e 123 (47%) eram alunos, tendo a idade média de 17 anos.

Todo este trabalho gerou um número significativo de dados que nos permitiram construir gráficos e tabelas. Porém, neste artigo selecionamos alguns materiais que foram analisados pela equipe a partir do questionário e da atividade de percepção espacial e que nos ajudam a compreender a leitura/interpretação dos estudantes sobre a cidade tendo por referência seu planejamento e suas implicações na prática cotidiana do ir e vir caminhando para à escola.

O trajeto casa-escola: a percepção espacial dos jovens estudantes sobre o planejamento urbano

Tendo por base esse estudo apresentaremos a seguir alguns dados que nos ajudaram a compreender a percepção dos alunos do Ensino Médio de Goiânia a respeito do planejamento urbano a partir do trajeto casa-escola. Para isso,

selecionamos quatro itens presentes no questionário (Figuras 03, 04, 05 e 06) e um gráfico (Figura 07) de uma atividade de percepção espacial⁴ que contribuem para indicar alguns contextos que são valorados pelos estudantes em suas análises espaciais sobre a cidade, a saber: 1) o percentual de alunos que fazem o percurso casa-escola caminhando (Figura 03); 2) o tempo médio que o estudante realiza este trajeto a pé (Figura 04); 3) a avaliação dos alunos em relação à qualidade das calçadas (Figura 05); 4) a percepção dos jovens estudantes sobre o nível de segurança ao longo deste percurso (Figura 06); e 5) gráfico da percepção espacial dos alunos nas áreas de entorno da escola (Figura 07). Por fim, apresentamos um quadro síntese (Figura 08) produzido pela equipe que reúne outros elementos e contextos que foram identificados a partir da pesquisa de campo e dos instrumentos de coleta de dados.

O primeiro recorte que realizamos nesse estudo foi de selecionar apenas as respostas dos alunos que realizavam o percurso casa-escola caminhando, como pode ser observado no mapa a seguir (Figura 03).

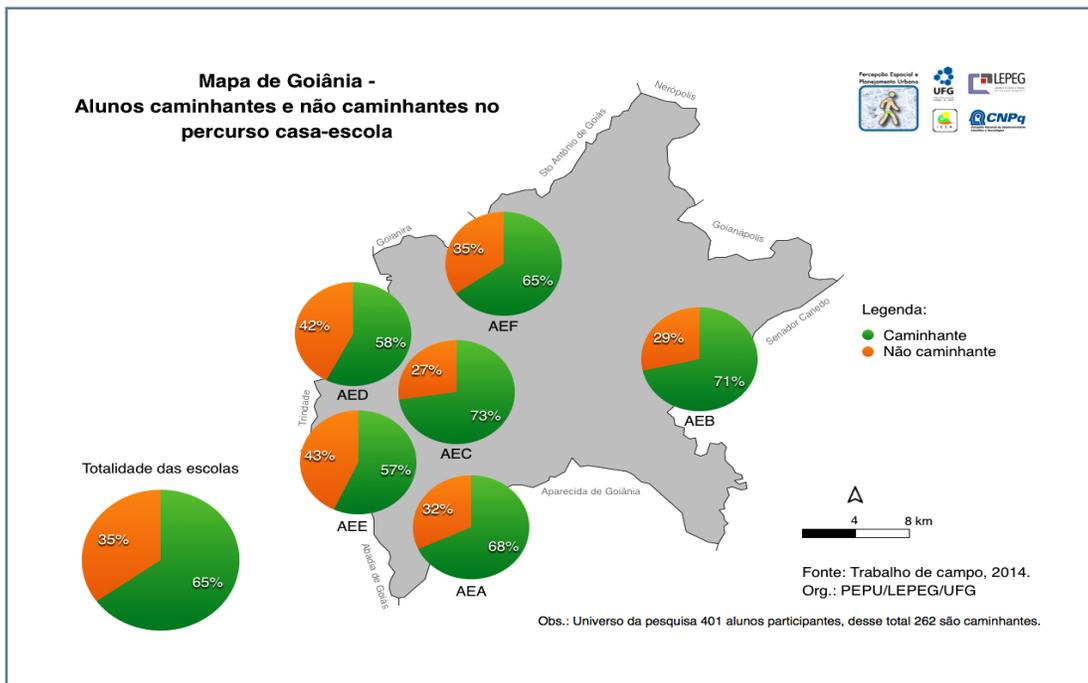


Figura 03: Mapa de Goiânia - alunos caminhantes e não caminhantes no percurso casa-escola.

⁴ Esta atividade refere-se a um trabalho de campo que realizamos com todos os alunos percorrendo ruas nas áreas do entorno das respectivas escolas que eram mais utilizadas pelos estudantes no caminho casa-escola.

Entendemos que é na experiência *in loco* com a cidade, na vivência direta com os objetos ou contextos reais da infraestrutura urbana é que poderia nos dar uma leitura mais pertinente sobre a cidade. Desse modo, mesmo tendo um universo de 401 alunos que responderam nosso questionário, definimos que os dados validados para as análises seriam apenas dos estudantes que faziam o trajeto casa-escola a pé. Esta ideia está diretamente relacionada a abordagem de Certeau (2014, p. 164), ao dizer que,

Vendo as coisas no nível mais elementar, ele (o pedestre) tem com efeito uma tríplice função “enunciativa”: é um processo de apropriação do sistema topográfico [...]; é uma realização espacial do lugar [...]; implica relações entre posições diferenciadas [...].

Seguindo esta concepção, entendemos que a leitura desses estudantes seria mais pertinente se os mesmos realizassem efetivamente a prática da caminhada para observar, analisar e avaliar os elementos e objetos da infraestrutura urbana que podem potencializar o direito de ir e vir no percurso casa-escola. De acordo com este critério, os mapas e dados a seguir são provenientes das respostas de 262 alunos que nos informaram no questionário que são caminhantes⁵ no trajeto casa-escola. Consideramos esse número significativo por representar 65% dos alunos investigados e nos indicar que a prática da caminhada pela cidade é uma tarefa muito cotidiana para os estudantes, por isso as políticas e as ações de planejamento urbano precisam valorizar e potencializar esta mobilidade.

Outro elemento que consideramos interessante foi analisar o tempo médio deste percurso casa-escola realizado a pé ou de bicicleta pelos alunos. O mapa da Figura 04 apresenta o tempo médio dos alunos no percurso casa-escola, o qual indica que a maior parte dos estudantes (60%) reside nas proximidades da escola ao fazer este trajeto em até 15 minutos.

⁵ Para nosso estudo, entendemos como caminhante os alunos que realizam o percurso casa-escola a pé ou de bicicleta.

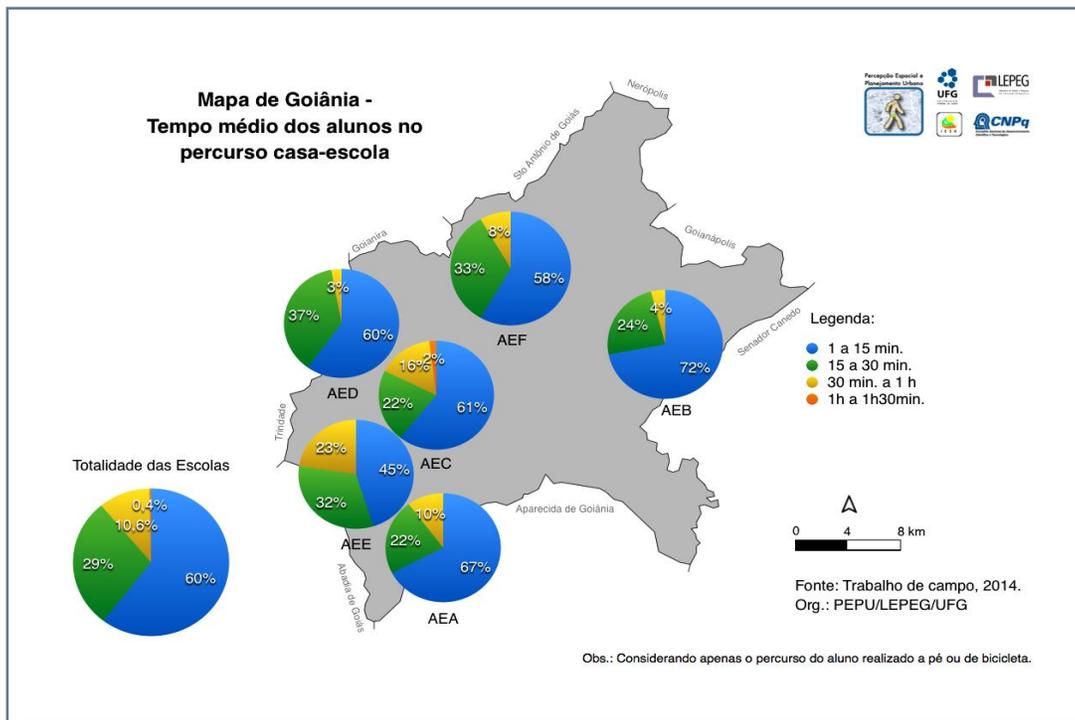


Figura 04: Mapa de Goiânia - tempo médio dos alunos no percurso casa-escola.

Por mais que valorizemos a prática da caminhada, é fundamental observarmos quanto tempo o estudante utiliza para fazer este trajeto. Nosso objetivo foi de reconhecer se os alunos moravam nas áreas de entorno de suas respectivas escolas, possibilitando uma vivência mais próxima ao bairro. Além disso, consideramos que uma grande distância da residência até a escola acaba por desestimular o exercício da caminhada, diante do tempo que se utiliza. Por isso, é de suma importância que as escolas estejam bem distribuídas na cidade, para atender às comunidades numa relação de maior proximidade e, assim, reconhecer também as demandas dessa população numa perspectiva de tornar os exemplos e desafios presentes no espaço urbano elementos para dialogar com o ensino de Geografia.

Esta perspectiva atende ao que Cavalcanti (2008, p. 58) nos destaca sobre o estudo da cidade na escola.

A cidade assim abordada não é trabalhada somente como forma física, mas como materialização de modos de vida, como um espaço simbólico, e seu estudo pretende desenvolver no aluno a compreensão dos modos de vida da sociedade contemporânea, e do seu cotidiano em particular, que resultam em espacialidades determinadas e que são condicionados por elas. Além disso, esse estudo contribui para o desenvolvimento de habilidade necessárias aos deslocamentos do aluno,

seja em espaços mais imediatos de seu cotidiano, sejam em espaços mais complexos, habilidade que são fundamentais, mesmo que não suficientes, para o usufruto pleno do direito à cidade.

Em relação aos elementos específicos da infraestrutura urbana, questionamos os alunos sobre a avaliação a respeito da qualidade das calçadas ao longo do percurso casa-escola. Neste caso, consideramos que essa análise dos estudantes é de grande relevância por valorizar a prática da caminhada e como espaço destinado aos pedestres. Pois, uma calçada que cumpre com sua função oferece ao indivíduo o direito de percorrer seu trajeto com segurança e delimita sua área no espaço público. Em nosso estudo identificamos que este é um desafio ainda a ser superado pelos órgãos municipais da cidade de Goiânia que fiscalizam e regularizam a qualidade das calçadas. O mapa da Figura 05 apresenta a avaliação dos alunos e nos indica as péssimas condições das calçadas.

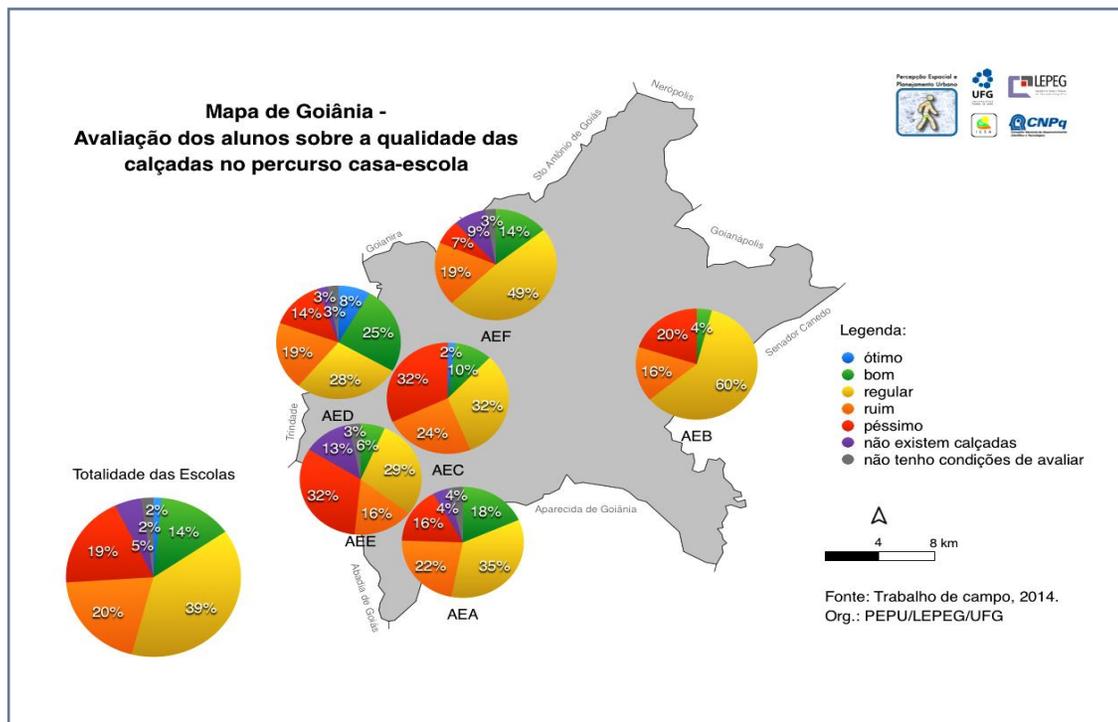


Figura 05: Mapa de Goiânia - avaliação dos alunos sobre a qualidade das calçadas no percurso casa-escola.
Org.: PEPU/LEPEG/UFG, 2015.

Vale destacar que ao questionarmos os alunos sobre a qualidade das calçadas houve um debate durante a aula de intervenção no que diz respeito à responsabilidade da prefeitura em melhorar essa infraestrutura, valorizando e

respeitando os pedestres. Portanto, ao propormos que os alunos analisassem seus espaços cotidianos foi possível que os mesmos começassem a construir uma leitura mais crítica sobre a cidade e a entender os problemas que ocorrem no planejamento urbano. Em alguns casos, os estudantes revelaram que não tinham conhecimento sobre as regras ou de quem era a responsabilidade da manutenção ou fiscalização das calçadas. Pela avaliação dos alunos percebe-se que a baixa qualidade das calçadas se torna um elemento limitador da prática da caminhada dos estudantes no direito de ir e vir da casa à escola.

Associado a este debate outro ponto que gerou muita discussão pelos estudantes no momento de responder o questionário foi sobre o nível de segurança deles ao longo do trajeto realizado a pé ou de bicicleta. O mapa da Figura 06 evidencia que a percepção dos alunos é de muita insegurança neste percurso.

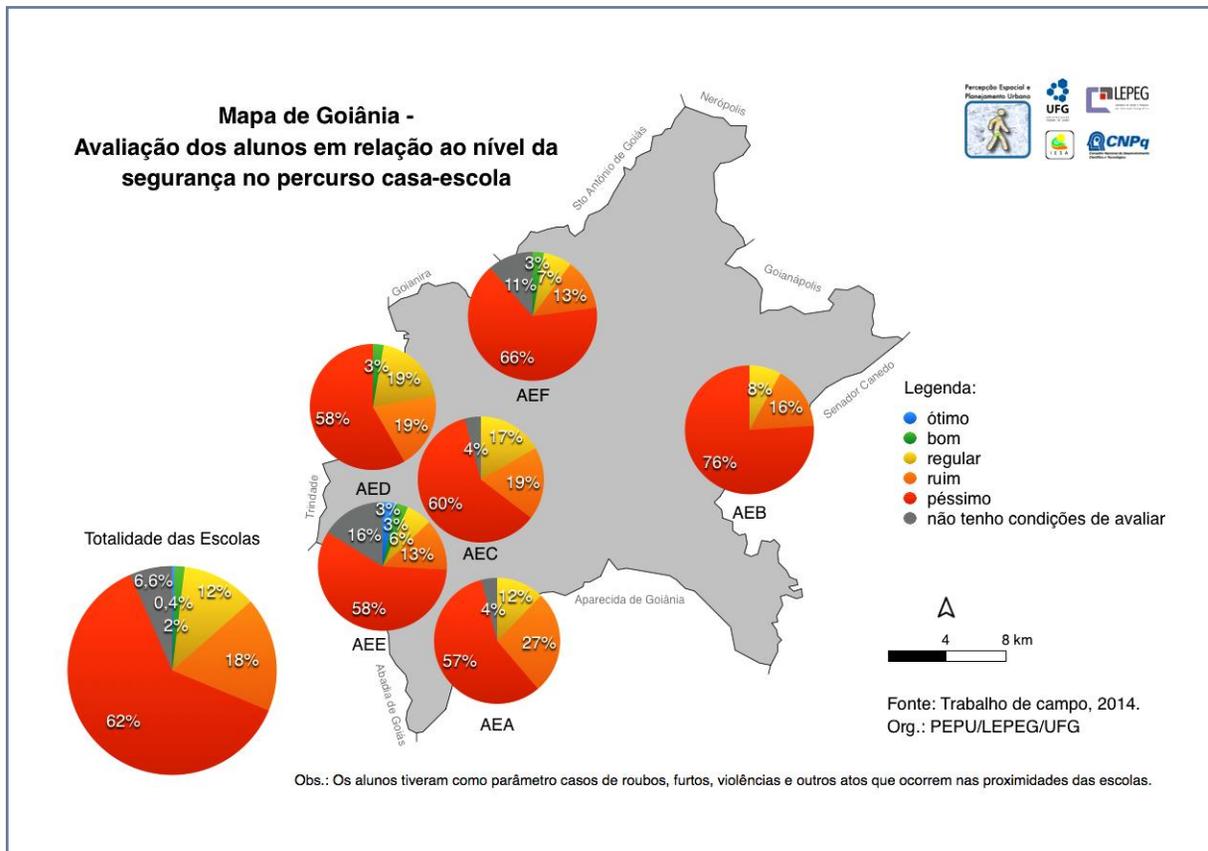


Figura 06: Mapa de Goiânia - avaliação dos alunos em relação ao nível de segurança no percurso casa-escola. Org.: PEP/LEPEG/UFG, 2015.

Mesmo sendo nítida a indicação negativa dos alunos em relação ao nível de segurança no caminho casa-escola, temos que reconhecer que se trata de uma percepção. Portanto, esta é construída coletivamente por meio de diversos contextos ou leituras (LYNCH, 2006). É forte em nossa sociedade atual a valorização da violência e sua divulgação pelos meios de comunicação. Isso não significa que os fatos não possam ser noticiados, mas torna-se recorrente por parte das diversas mídias a valorização dos atos de violência em relação a outros contextos. Portanto, sem querer negar a existência de furtos, roubos, assaltos, etc., vivenciados pelos próprios alunos, esses dados nos revelam a necessidade de discutir nas aulas de Geografia o que vem a ser segurança e como essa ideia é construída nos dias atuais.

Esse debate dialoga com as ideias de Haesbaert (2014, p. 153) ao dizer que,

“Segurança”, em suas múltiplas matizes, pode-se afirmar, é um termo da moda. Das mudanças climáticas e as estratégias militares globais de uma potência como os Estados Unidos às táticas da vida cotidiana de cada um de nós, a segurança está na ordem do dia. Ações políticas, concepções ideológicas, e amplos setores da economia são promovidos em torno da questão. Todos querem “mais segurança”, praticamente todos estão envolvidos pelo tema da “insegurança”.

Mesmo sendo um recorte de todos os dados que foram organizados e analisados, observamos que os alunos tiveram condições de exercer suas leituras e análises a respeito da cidade sob a ótica do planejamento urbano. Além disso, houve uma forte associação dos temas tratados no questionário com a atividade de percepção espacial (percurso em áreas de entorno da escola) com o ensino de Geografia, valorizando este saber disciplinar e escolar como um conhecimento que contribui para uma leitura crítica do cotidiano. Nesse sentido, apresentamos a seguir (Figura 07) o gráfico da atividade de percepção espacial realizado em uma das escolas participantes da pesquisa.

Contudo, é importante explicarmos antes como esse material foi construído para colaborar na sua leitura e interpretação. Este gráfico (Figura 07) é resultado da atividade de um trabalho de campo de percepção espacial realizado com os alunos participantes desse estudo em cada uma das escolas. Ou seja, em cada escola realizamos pelo menos um trabalho de campo nas ruas mais utilizadas pelos estudantes no trajeto casa-escola, tendo por objetivo possibilitar que os mesmos pudessem identificar neste percurso os elementos que eles consideravam agradáveis e não agradáveis na prática da caminhada. Cada aluno tinha em mãos um mapa do trajeto no qual poderiam inserir suas observações a respeito do planejamento urbano, valorizando ou não os elementos, contextos ou mobiliários existentes ao longo deste percurso. Como foi dada liberdade aos

alunos na análise desse espaço, tivemos um desafio na construção desse gráfico pela amplitude de observações de cada estudante.

Conseguimos resolver esta situação ao final de uma análise geral de todos os dados da atividade de percepção espacial. A partir disso, foi possível identificar algumas categorias centrais que estavam presentes na maior parte das leituras dos jovens escolares. Chegamos ao número de 10 categorias, a saber: arborização, praças/áreas de lazer, calçadas/vias, trânsito, mobiliário urbano, serviços/comércio, expressões culturais urbanas, poluição visual, resíduos/entulhos/lixo e violência. Essas categorias foram utilizadas para

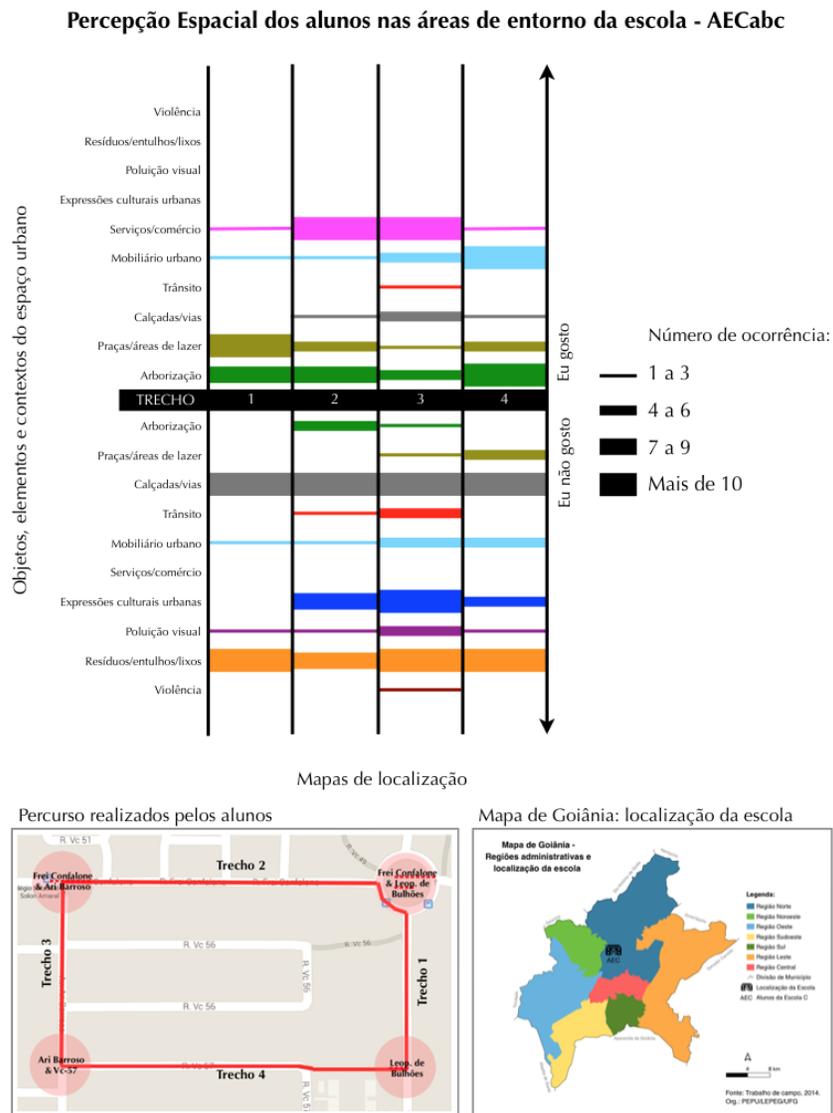


Figura 07: Percepção espacial dos alunos nas áreas de entorno da escola - AECabc

identificar as leituras positivas e negativas sobre os trajetos, ou como usamos na própria atividade os termos “eu gosto” e “eu não gosto”. Para identificar essas categorias pelos números de ocorrência, cruzamos essas informações por trechos/quadras percorridas ao longo do trajeto que foi indicado pelos alunos durante o questionário como os mais utilizados nas áreas de entorno das suas respectivas escolas. Vale ressaltar que na construção do gráfico optamos por não utilizar a referência da escala cartográfica, para facilitar a visualização do material. Desse modo, as linhas mais grossas indicam maior ocorrência por parte da avaliação dos alunos na análise da percepção espacial, como pode ser observado na Figura 07.

Em nenhum momento orientamos aos alunos no que marcar ou identificar durante o percurso, demos liberdade para que os estudantes recuperassem os debates que apresentamos nas aulas de intervenção sobre Geografia da cidade e até mesmo por parte de suas leituras sobre o espaço urbano. Desse modo, podemos analisar a Figura 07 a partir da correlação entre algumas questões respondidas no questionário com a leitura *in loco* ao realizarmos o percurso das ruas a pé com os estudantes. Pode-se observar os elementos que qualificam a prática da caminhada pela análise dos alunos desta escola, como por exemplo a existência da arborização e áreas de lazer. Neste caso, os estudantes identificaram a ocorrência desses elementos e reconheceram a contribuição dos mesmos para o pedestre. Por outro lado, temos condições de identificar que a baixa qualidade das calçadas ou a presença de entulhos e lixos ao longo do caminho são contextos que os alunos consideraram negativos em relação a prática da caminhada de casa para a escola.

Diferentemente do questionário que apresentava aos alunos as perguntas a partir de determinados contextos ou situações isoladas (como foram observadas nas Figuras 03 a 06), a atividade de percepção espacial nas ruas de entorno das escolas (Figura 07) possibilitou aos jovens escolares a análise da infraestrutura urbana pelo próprio uso que se faz dos seus equipamentos e mobiliários. Neste caso, observamos por parte dos estudantes uma leitura e percepção mais atenta aos contextos que interferem na sua prática da caminhada, na relação direta do sujeito com o espaço urbano.

Palavras finais

Como destacamos no início deste texto, selecionamos aqui apenas alguns dados analisados pela equipe, mas que nos permitissem reconhecer as demandas por melhorias no planejamento urbano da cidade de Goiânia na perspectiva dos jovens escolares que percorrem cotidianamente o trajeto casa-escola. Contudo, essa análise torna-se mais ampla se integramos as percepções

de todos os alunos a partir da atividade do trabalho de campo nas ruas de entorno das escolas. Para isso, apresentamos um quadro síntese que indica outras urgências ou demandas destacadas pelos estudantes, como pode ser observado na Figura 08.

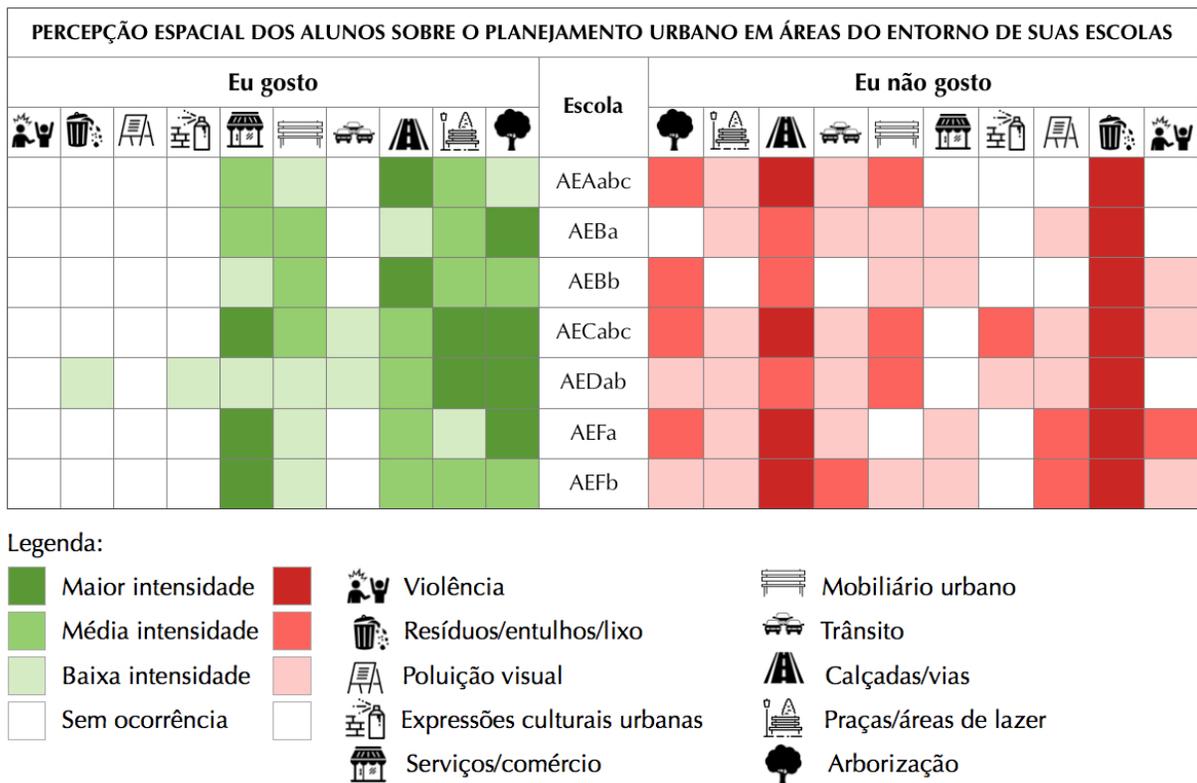


Figura 08: Percepção espacial dos alunos sobre o planejamento urbano em áreas do entorno de suas escolas em Goiânia. Org.: PEP/LEPEG/UFG, 2016.

Neste sentido, procuramos sintetizar as informações de todos os gráficos de percepção espacial para contribuir com uma análise mais ampla e, principalmente, colaborar na possibilidade de apresentação dos resultados desta investigação para a Prefeitura Municipal de Goiânia⁶. Entendemos que tão

⁶ Apresentamos todos os resultados desta investigação, bem como entregamos o relatório final da pesquisa à Prefeitura Municipal de Goiânia via Secretaria de Planejamento Urbano, atendendo uma das ações desta pesquisa e possibilitando que os órgãos competentes possam reconhecer a percepção dos jovens escolares sobre a cidade e potencializar mudanças necessárias para tornar o espaço urbano mais pleno de direitos.

importante quanto apresentar os dados mais específicos, torna-se essencial organizar as informações mais sistematizadas para que os órgãos públicos competentes possam compreender com maior clareza as demandas por infraestrutura que os alunos indicam em suas leituras sobre a cidade.

Esses dados apresentam os desafios presentes na cidade de Goiânia para tornar o planejamento urbano mais próximo das demandas dos sujeitos que participam ativamente desse espaço. O que podemos analisar de modo geral é que a prática da caminhada é amplamente exercida pelos jovens escolares da cidade de Goiânia e estes reconhecem os contextos que os colocam em situação de vulnerabilidade, sejam pelas questões de infraestrutura mais básicas como a qualidade das calçadas, ou no que se refere aos problemas de violência. Esses elementos da percepção espacial nos fazem reconhecer a importância de promover a construção de uma cidade mais democrática e justa, com o objetivo de possibilitar que seus habitantes tenham o direito de percorrer diferentes lugares ou espaços com toda a liberdade e qualidade. Consideramos que tão importante quando ter uma escola que promova o desenvolvimento intelectual dos alunos, é permitir que esses indivíduos possam chegar até ela com qualidade e segurança.

Neste sentido, concordamos com Souza & Souza (2013, p. 108) que se ocupam em valorizar o olhar sobre a cidade na perspectiva de construir uma leitura mais crítica sobre esse espaço. Esse autores entendem que,

Na busca pela superação da parcialidade e superficialidade, temos que experimentar o lugar, ou seja, senti-lo e conhecê-lo mais intimamente, como destaca Tuan (1983, p. 203): "sentir um lugar leva tempo, se faz com experiências". Porém, além da experiência que devemos ter com nosso espaço vivido, também necessitamos ter um olhar diferenciado, a fim de que tenhamos uma visão mais reflexiva do contexto onde vivemos. Nesse sentido, Tuan (1983, p. 21) também nos alerta que "quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência". E ainda segundo Tuan (1983), a experiência abrange as diversas formas como nos relacionamos e construímos a realidade, sendo também a capacidade de aprender a partir da própria vivência.

Contudo, entendemos que todo este trabalho não seria possível caso a Geografia não fizesse parte do currículo do Ensino Médio. Foi a partir das aulas desta disciplina escolar que pudemos inserir as discussões acerca da cidade, do planejamento urbano e das práticas sociais vivenciadas neste espaço para os alunos durante o trabalho de campo nas escolas. Para Cavalcanti (2008), a cidade se torna tanto um conteúdo como uma escala de análise dos processos e fenômenos que são estudados pela Geografia. A autora destaca o fato da cidade

ser um espaço que fornece muitos exemplos da contradição, dos diferentes tempos e das desigualdades espaciais que precisam ser superadas em nossa sociedade. Portanto, o objetivo não é apenas tornar a cidade um tema escolar, mas possibilitar que os alunos reflitam sobre este espaço a partir da construção de um pensamento espacial. Identificando os elementos, objetos e contextos que interferem na produção da cidade e, ao mesmo tempo, criando condições para os estudantes se tornem também agentes dessas mudanças.

Durante as aulas de intervenção tivemos oportunidade de contribuir para a formação escolar dos alunos ao compreenderem como a cidade se organiza e promove a construção de um olhar mais crítico para este espaço. Ainda é forte nas escolas a concepção equivocada de que os conteúdos geográficos têm pouca relação com a própria realidade. O trabalho que realizamos com os alunos permitiu que os mesmos tivessem uma outra leitura desta disciplina, na perspectiva de colaborar com suas práticas cotidianas, de provocar um pensamento sobre o espaço em que vivem. Ao final do trabalho nos foi muito grato ouvir de alguns estudantes a seguinte frase: "ah, então é isso que é Geografia!". Quando o professor de Geografia consegue ultrapassar as paredes da sala de aula e se aproximar da vivência dos alunos podemos perceber que ele está cumprindo com um de seus papéis.

Portanto, ao propormos a cidade com uma escala de análise a partir dos elementos e contextos presentes no planejamento urbano e utilizando o próprio aluno como leitor crítico desse espaço, tendo por base sua percepção, temos condições de desvelar os problemas que estão materializados, mas que, muitas vezes, o estudante tem dificuldade de reconhecer pelo fato da escola e, principalmente, das aulas de Geografia não permitirem um olhar mais atendo. É nesta perspectiva que entendemos a pertinência de nosso estudo.

Referências

ARRAIS, Tadeu Alencar. *Acionando territórios: a mobilidade na região metropolitana de Goiânia e em Aparecida de Goiânia*. In: Boletim Goiano de Geografia, v. 26, n. 1, p. 91-114, jan./jun. 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/3547/15614>>. Acesso em 15 de jan. de 2017.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana*. Campinas: Papirus, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *A metrópole em foco no ensino de Geografia: o que/para que/para quem ensinar?* In: PAULA, F.M.A.; CAVALCANTI, L.S. &

SOUZA, V.C. (org.) Ensino de Geografia e metrópole. Goiânia: Ed. América, 2014. p. 27-41.

CLAVAL, Paul. *A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia*. In: MENDONÇA, F. & KOZEL, S. (orgs.). Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p.11-43.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Cidades*. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/5208707>>. Acesso em 20 de fev. 2017.

HAESBAERT, Rogério. *Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

SOUZA, Hanilton Ribeiro de & SOUZA, Luciana Cristina Teixeira de. *Outro olhar sobre o lugar: manejar as lentes para redescobrir o espaço vivido*. In: Revista Brasileira de Educação em Geografia, v. 3, n. 6, p. 105-123, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/161/105>>. Acesso em 15 de jan. 2017.